

Letras
n° 59

(Des)fazendo gênero(s) na
literatura e nas artes das Américas

Letras / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e
Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. - Nº 1, jan./ jun.
(1991) - _____. Santa Maria, 1991 - _____.

Semestral

Vol. 29, nº 59 (jul./dez. 2019)

ISSN 1519-3985

1. Literatura. 2. Literatura – Periódicos. 3. Linguística.

I. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. II. Centro de Artes
e Letras – CAL. III. Programa de Pós-graduação em Letras.

Ficha catalográfica elaborada por Fernando Leipnitz CRB-10/1958
Biblioteca Central/UFSM

(Des)fazendo gênero(s) na literatura e nas artes das Américas

Anselmo Peres Alós (UFSM)
Wanderlan Alves (UEPB)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Organizadores

Nº 59, JULHO/DEZEMBRO DE 2019
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul

ISSN 1519-3985

Reitor

Paulo Afonso Burmann

Diretor do Centro de Artes e Letras

Claudio Antonio Esteves

Coordenadores do Programa

de Pós-Graduação em Letras

Eliana Sturza e Gil Roberto Costa Negreiros

Comissão Editorial

Gil Roberto Costa Negreiros (Editor-Chefe)

Anselmo Peres Alós (Editor-Gerente)

Francieli Matzembacher Pinton (Revisão)

Conselho Editorial

Amanda Eloina Scherer (UFSM)

Ana María Díaz Ferrero (Universidad de Granada, Espanha)

Anna Christina Bentes (Unicamp)

Beatriz M. Eckert-Hoff (UNIVÁS)

Brian Street (King's College London, England)

Carmen Rosa Caldas-Coulthard (University of Birmingham, England)

Charles Bazerman (University of California, USA)

Christian M.I.M. Matthiessen (Hong Kong Polytechnic University, Hong Kong)

Claudete Moreno Ghiraldelo (ITA)

Cristiane Pereira Dias (Unisal)

Désirée Motta Roth (UFSM)

Diana Luz Pessoa de Barros (USP)

Eurídice Figueiredo (UFF)

Freda Indursky (UFRGS)

Gesualda Rasia (UFPR)

Glaís Sales Cordeiro (Université de Genève)

Joaquín Listerrri (Universidad de la Cataluña, Espanha)

José Antonio Sabio Pinilla (Universidad de Granada, Espanha)

José Luís Jobim de Salles Fonseca (UERJ)

José Sueli e Magalhães (UFU)

Kazue Saito Monteiro de Barros (UFPE)

Lúcia Helena Martins Gouvêa (UFRJ)

Luiz Carlos Travaglia (UFU)

Luiz Francisco Dias (UFMG)

Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)

Malcolm Coulthard (University of Birmingham, England)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Marcia Azevedo de Abreu (Unicamp)

Maria Cleci Venturini (Unicentro)

Maria da Glória C. Di Fanti (PUCRS)

Maria José R. Faria Coracini (Unicamp)

Max Hidalgo Náchter (Universidad de Barcelona, Espanha)

Moises Perales Escudero (Universidad de Quintana Roo, México)

Paulo Osório (UBI)

Rafael Alarcón (Universidad de Jaén, Espanha)

Raquel Salek Fiad (Unicamp)

Regina Zilberman (UFRGS)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Sheila Elias de Oliveira (Unicamp)

Ursula Wingate (King's College, London, England)

Valdir Prigol (UFFS)

Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)

Preparação e Revisão de Texto

Gabriela Eckert Pereira

Jeniffer Sretb da Silva

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Evandro Bertol

Periodicidade: Semestral

Editora

PROGRAMA DE

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Educação, Letras e Biologia

Prédio 16, Sala 3222 – Bloco A2.

Campus Universitário – Camobi.

97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil

Fone: 55 3220 8359

Fone/fax: 55 3220 8025

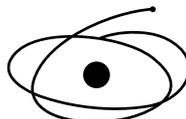
e-mail: periodicoletras.ufsm@gmail.com

www.ufsm.br/periodicoletras

Política Editorial

Letras, Periódico Científico, compila artigos resultantes de pesquisa científica original de caráter significativo para as áreas dos Estudos Linguísticos e Literários. Essa publicação tem periodicidade semestral desde 1991 e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cada publicação fica sob a responsabilidade de pelo menos um pesquisador vinculado ao PPGL que assume a função de organizador. Os artigos enviados devem atender à chamada temática e são avaliados, anonimamente, por dois membros do conselho editorial e assessorados, se necessário, por parecerista *ad hoc* (sobretudo em caso de empate).

Letras publica artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que podem ser escritos em português, francês, espanhol ou inglês. Para artigos escritos em português, Título, Resumo e Palavras-chave devem aparecer em português e inglês. Para artigos escritos em outras línguas, Título, Resumo e Palavras-chave devem ser escritos na língua do artigo e em inglês, exceto aqueles em que o texto está em inglês. Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outro periódico. Ficam concedidos à Revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.



C A P E S

Esta publicação conta com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Esta publicação conta com o apoio do Edital Pró-Revistas da PRPGP-UFSM.

Sumário

Apresentação.....7

Anselmo Peres Alós • Wanderlan Alves • Divanize Carbonieri

A via-crucis do corpo trans: do calvário à libertação em *Primeira carta aos andróginos*.....15

Marcele Aires • João Vitor Xavier dos Santos

Memórias, dores e traumas: mulheres e ditadura em *Tropical Sol da Liberdade*.....33

Camila Marchesan Cargnelutti • Marcus Vinicius Reis

O homossexual astucioso: uma proposta de suplementação *queer* de *Silviano Santiago*.....53

Carlos Henrique Lucas Lima

***Desesterro*: silêncios, construtos e resistências na literatura latino-americana.....67**

Cláudia Maria Ceneviva Nigro • Luiz Henrique Moreira Soares

Resistência e transgressão em “Os Selvagens da Terra”, de Nélida Piñon.....79

Dileane Fagundes de Oliveira • Vera Lucia Lenz Vianna da Silva

Escrita e performance na poesia de autoria feminina contemporânea....103

Cinara Ferreira Pavani

Multiplicidade e plurissignificação: o vermelho multicolor de Helena Parente Cunha....115

Andrea do Roccio Souto

Invisibilidade? A potência do não-ser: resistência e memória em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra....131

Ilse Maria da Rosa Vivian

O amor entre homens no cárcere: gênero, sexualidade e performatividade em Manuel Puig....151

Anselmo Peres Alós • Caroline Biasuz

Escritura femenina y subversión del género en *El cuarto mundo*, de Diamela Eltit....167

Eleonora Frenkel Barretto • Gisett Lara

***Canción de tumba*: o narrador e as violações do corpo....183**

Odon Bastos Dias • Renata Farias de Felipe

Corpo sem fim, escrita sem margem: a problematização da identidade feminina na narrativa de Silvina Ocampo....199

Rafael Eisinger Guimarães

**Eduarda Mansilla a través de la mirada
de María Rosa Lojo en *Una mujer de fin de siglo* (1999)....219**

Fernanda Aparecida Ribeiro • Katia Rodrigues Mello Miranda

**O exercício da masculidade e a performance da violência em
Crónica de una muerte anunciada, de Gabriel García Márquez....235**

Hugo Hernan Ramirez Sierra • André Luis de Oliveira

**Das cinzas à purpurina:
bichas que cintilam em leitura e escrita biografemática....257**

Tales Santos Pereira • André Luis Mitidieri

**Sem corpo ou sem cabeça,
o corpo de *La mujer desnuda* de Armonía Somers....283**

Brenda Carlos de Andrade

**Chico Buarque e a construção de gênero em canções forjadas
na homoafetividade: da crítica feminista à teoria *queer*....305**

Camila Fonseca de Oliveira Calderano • Márcia Almeida

**“Let the flesh instruct the mind”: corpo, desejo
e sinestesia nas crônicas vampirescas de Anne Rice....323**

Andrio de Jesus Rosa dos Santos • Enéias Farias Tavares

**Poética feminista na arte contemporânea: uma análise de
produções de mulheres artistas nos anos 60, 70, 80 e 90....347**

Karen Greco Soares • Efigênio Pavei Carvalho

RESENHA

***Garotas mortas* (2018), de Selva Almada....373**

Renata Farias de Felipe

ENTREVISTA

**“A distopia de ontem é a realidade de hoje”:
uma entrevista com Susana Bornéo Funck....385**

Anselmo Peres Alós

Sobre os autores....403

Próximos números....417

ADDENDA

**La imposibilidad de la lectura: memoria y trauma en
Maldición eterna a quien lea estas páginas, de Manuel Puig....427**

Leonardo Berneri

**Liberadas o sometidas:
el gobierno de las mujeres en *Ella* y *La Atlántida*....449**

Lucía Vera Cytryn

Antropofagia marginal periférica ecoando das favelas....473

Raffaella Fernandez • Fernanda Mara Campos Leite

Apresentação

Se hoje a crítica feminista questiona o estatuto das configurações canônicas nacionais é porque entende que a matriz ideológica que informou seus processos de formação está intimamente imbricada com o funcionamento institucional e social de hegemonias, não só de gênero, mas também de raça e de classe social, as quais produziram relações desiguais na produção e na distribuição de poder cultural, processos de subjetivação que implicam no apagamento, às vezes de forma violenta, simbólica e literalmente, de outras identidades culturais

(Rita Terezinha Schmidt. *Descentramentos/convergências*.
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 228).

7

Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles. E mal acabo de colocar o ponto na frase quando uma outra pergunta se insinua: precisa ser biologicamente uma fêmea? Acredito que não, embora reconheça que a polaridade que a ciência historicamente construiu para os corpos humanos dificilmente permita uma subjetivação fora das normas do sexo biológico

(Susana Bornéo Funck. O que é uma mulher?
Cerrados, v. 20, n. 31, 2011, p. 67).

Corpo, trauma e memória: desfazendo gêneros na literatura e nas artes das Américas foi o tema proposto pelos professores Wanderlan Alves (Universidade Estadual da Paraíba), Divanize Carbonieri (Universidade Federal do Mato Grosso) e Anselmo Peres Alós (Universidade Federal de Santa Maria) para o número 59 da revista *Letras*, mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Já de início, conseguiu-se orquestrar um coro de vozes representativo da heterogeneidade da pesquisa na Universidade brasileira, ao representarmos as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul já nas instituições de atuação dos organizadores do presente número.

Na década de 1970, o advento da crítica feminista foi considerado pela academia como algo nefasto, uma onda de militância ideológica que veio para destruir as artes e a literatura, menosprezando a realização estética dos textos e reduzindo sua importância e valor à política.

Contudo, já nos anos 1980, a crítica feminista foi reconhecida por teóricos do calibre de Jonathan Culler e Terry Eagleton como uma das mais poderosas forças de renovação da crítica contemporânea. Desde então, a crítica feminista tem transformado, do Ocidente ao Oriente, a forma como lemos e pensamos as artes e a literatura, a partir de questionamentos como: qual a relação da leitura e da literatura com o gênero? O que a leitura e a interpretação das artes têm a ver com o gênero? As mulheres leem de forma diferente? O que as artes visuais, o teatro, a música e a literatura têm a nos dizer sobre as relações entre códigos de gênero e normas sociais, discriminação e intervenção crítica? Qual a relação entre textualidade, iconicidade, poder e conhecimento? Essas foram algumas das perguntas lançadas pelos organizadores desse número aos pesquisadores brasileiros, a título de provocação. As respostas estão elencadas no formato dos artigos (uns individuais, outros coletivos) que agora são trazidos a público.

Hoje a crítica feminista configura um campo amplo e heterogêneo de estudos que incorpora muitas vertentes teóricas e abordagens, campo esse que se revitaliza em seus diálogos com os estudos pós-coloniais, os estudos culturais e a filosofia pós-estruturalista. Indo mais além, foi a partir das perquirições das teorias feministas que emergiram os estudos de masculinidades (em especial aqueles que dedicam atenção às masculinidades subalternizadas), os estudos de gênero, os estudos gays e lésbic@s e a teoria *queer*, caminhos que possibilitaram simultaneamente o questionamento dos cânones estéticos e das premissas heteronormativas que pautam o sistema valorativo nos estudos sobre arte, literatura e cultura.

As teorizações feministas, nas últimas décadas, colaboraram para a estruturação de uma nova maneira de se produzir conhecimento, colaborando mesmo para uma reconfiguração deste campo epistêmico. Prova disso são trabalhos de reconhecido mérito no campo literário, tais como *The madwoman in the attic*, de Sandra Gilbert e Susan Gubar (New Heaven: Yale UP, 1979). Na academia brasileira, vale mencionar os três alentados volumes da antologia *Escritoras brasileiras do século XIX* (Florianópolis: Mulheres, 1999, 2003 e 2009, organizados por Zahidé Lupinacci Muzart). No campo das artes, merece destaque o volume *Feminism - Art - Theories*, organizado por Hilary Robinson (London: Blackwell, 2001), bem como *Feminist aesthetics in music*, de Sally MacArthur (London: Greenwood Press, 2001).

A ênfase nas relações literatura/artes/cultura, alimentada pelo enfoque interdisciplinar, possibilita a emergência de categorias analíticas da diferença como *gênero, raça, classe e sexualidade* na investigação de representações em sua dimensão estética e em sua projeção política. Nessa direção, ganha visibilidade a questão do outro nas vozes dissonantes de artistas, escritores e musicistas, o que permite identificar as especificidades históricas de modos de subjetividade até então invisíveis nas formações discursivas da cultura etnocêntrica, patriarcal e heteronormativa. Interessam aqui, particularmente, as experimentações e o questionamento realizados no campo dos estudos literários pela teoria *queer*, uma vez que a crítica aos regimes de normalização é particularmente produtiva para o questionamento do *status* de literariedade como característica imanente ao texto literário ou às teorias que postulam a intransitividade do valor estético nas artes visuais.

A expressão *(des)fazendo gênero(s)*, ora utilizada como título dessa apresentação, ecoa origens diversas e difusas. Podemos pensar no *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1994 e, juntamente com os organizadores da primeira edição do evento, jogar com as expressões *fazer gênero* (no sentido coloquial, de *procurar distinguir-se, emulando personalidade ou hábitos que não se têm*), mas também no sentido de *fazer pesquisa no campo dos estudos de gênero* (isto é, produzir conhecimento situado a partir das perspectivas feministas, gays, lésbicas, trans- e *queer*). Podemos pensar, igualmente, no título do livro seminal de Judith Butler, *Undoing gender* (London: Routledge, 2004), ou em um evento mais recente, mas nem por isso menos importante: o *Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, evento itinerante que ocorre desde 2013, e que em novembro de 2019 realizou sua quarta edição, sediado pelos docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Nas suas diferentes edições, o *Seminário Internacional Desfazendo Gênero* promove debates em torno de problemas diversos que envolvem a relação do gênero e da sexualidade com a historicidade das práticas de violência contra pessoas que se enquadram em padrões normalizadores, com marcadores sociais importantes como *raça/etnia e classe* e com os limites do ativismo social. Foi em sua terceira edição, ocorrida em 2017, que surgiu a ideia de organizar esse número temático da revista, quando Wanderlan Alves e Anselmo Peres Alós coordenaram um dos simpósios do evento. Em seguida, convidaram Divanize Carbonieri para somar esforços e, a seis mãos, construir o presente número da revista.

O presente número encontra-se dividido em três seções, estabelecidas por afinidades temáticas e geográficas: *Corpo, trauma e memória na literatura brasileira*, *Corpo, trauma e memória nas literaturas hispano-americanas* e, encerrando o volume, *Corpo, trauma e memória: outras artes, outras latitudes*. Dentro de cada uma das seções, os artigos foram organizados tomando-se como critério a ordem alfabética, tomando-se a inicial do último sobrenome do autor (ou do primeiro autor, nos casos de artigos escritos a quatro mãos).

Na primeira seção, *Corpo, trauma e memória na literatura brasileira*, Marcele Aires e João Vitor Xavier dos Santos, em “A via-crucis do corpo trans: do calvário à libertação em *Primeira carta aos andróginos*”, abordam um dos romances de fundação no que toca a temáticas como homossexualidade, travestilidade e transexualidade. O percurso do/a protagonista, batizado inicialmente de Salomão/Davi, em busca de sua identidade fluida, é da natureza das catorze estações de Cristo no Calvário. No entanto, ao contrário de encontrar a morte, o/a personagem narrador(a) idealiza um mundo de libertação com seus descendentes. Em seguida, Camila Marchesan Cargnelutti e Marcus Vinicius Reis, em “Memórias, dores e traumas: mulheres e ditadura em *Tropical sol da liberdade*”, analisam o emblemático romance de Ana Maria Machado. Publicado originalmente em 1988, em um contexto pós-ditatorial, o romance é construído em torno da temática da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), a partir da visão de personagens mulheres. Por meio da leitura crítica da narrativa, os autores investigam como a personagem principal, Lena, tenta apropriar-se da palavra para escrever uma peça teatral. Essa tentativa, no romance, configura-se como uma maneira de elaborar, narrar e externar o passado traumático da personagem.

Carlos Henrique Lucas Lima, por sua vez, em “O homossexual astucioso: uma proposta de suplementação *queer* de Silviano Santiago”, recorre ao ensaio “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações” e ao romance *Stella Manhattan*, ambos de Silviano Santiago, para propor que Silviano ensaísta é *suplementado* pelo Silviano escritor. O autor destaca conceitos como o de *exílio* e de *deriva* sexuais, retirados do romance, como forma de desacomodar os papéis de homens e mulheres, gays e lésbicas. Já em “*Desesterro: silêncios, construtos e resistências na literatura latino-americana*”, Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Luiz Henrique Moreira Soares discorrem sobre imagens impeditivas de uma resistência de fato, mas propiciadoras de resistência, no romance

brasileiro *Desesterro*, de Sheyla Smanioto. A fim de comprovar a hipótese levantada, recorrem à concepção de *assembleia* de Judith Butler, proporcionando aos leitores uma visada reivindicativa, concedendo eco ao silêncio imposto às vozes femininas presentes no texto.

Dileane Fagundes de Oliveira e Vera Lucia Lenz Vianna da Silva, em “Resistência e transgressão em ‘Os selvagens da terra’, de Nélida Piñon”, discutem alguns papéis impostos à mulher pelo patriarcado, bem como os efeitos da opressão através da representação do pensamento e das práticas sociais no conto “Os selvagens da terra”, publicado no livro *O tempo das frutas* (1997). A leitura dessa narrativa leva as autoras a uma análise da construção da representação feminina pelo viés do corpo e da sexualidade. Na sequência, Cinara Pavani, no estudo intitulado “Escrita e performance na poesia de autoria feminina contemporânea”, discute a poesia de autoria feminina produzida a partir da segunda metade do século XX no Brasil que, segundo a autora, destaca-se por seu caráter performativo, na medida em que propõe a encenação do feminino e seu universo íntimo, assim como a dramatização de problemas relacionados às políticas de gênero. Pavani propõe a análise da poesia de autoras contemporâneas, com vistas a examinar sua performatividade e a repercussão dessa característica nos debates atuais sobre gênero.

No artigo “Multiplicidade e plurissignificação: o vermelho multicolor de Helena Parente Cunha”, Andrea do Roccio Souto analisa *As doze cores do vermelho*. Publicada originalmente em 1989, a obra busca desconstruir o discurso homogêneo da cultura patriarcal hegemônica, problematizando questões relacionadas à mulher na sociedade brasileira da década de 1980. Em seguida, finalizando a primeira seção de artigos, Ilse Maria da Rosa Vivian, em “Invisibilidade? A potência do não-ser: resistência e memória em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra”, abarca em sua discussão dois sentidos emergenciais presentes no romance de Saavedra: a resistência e a memória. O romance conta a história de quatro mulheres que, em meio aos silenciamentos e às violências, encontram nas fissuras da realidade hierarquizante e heteronormativa o caminho para desvelar suas identidades. Com base na noção de resistência, a autora destaca a arquitetura narrativa que determina a formulação do discurso de antimemória. O poder de não-ser é a primeira arma para resistir à invisibilidade do eu produzida pelo outro. Na contramão da hegemonia do conhecimento que tem como base a razão, revela-se a sabedoria de uma memória em devir.

Na segunda seção, intitulada *Corpo, trauma e memória nas literaturas hispano-americanas*, o artigo “O amor entre os homens no cárcere: gênero, sexualidade e performatividade em Manuel Puig”, de autoria de Anselmo Peres Alós e Caroline Biasuz, realiza uma leitura do romance argentino *El beso de la mujer araña* (publicado pela primeira vez em 1974), em um gesto de leitura que busca destacar os aspectos subversivos dos regimes político e sexual no que diz respeito à construção retórica dos protagonistas da narrativa. Em seguida, Eleonora Frenkel Barretto e Gisett Lara, em “Escritura femenina y subversión del género en *El cuarto mundo*, de Diamela Eltit”, discutem a literatura feminista no contexto pós-golpe militar, no Chile, para tanto, analisam, a partir do romance *El cuarto mundo*, de Eltit, a subversão dos regimes da heterossexualidade compulsória e da submissão feminina, articulando o travestimento, a performatividade do gênero e a lesbianidade como gestos de descoloniização do corpo feminino.

Odon Bastos Dias e Renata Farias de Felipe, em “*Canción de tumba: o narrador e as violações do corpo*”, analisam o romance de Julián Herbert, que tem por pano de fundo a agonia final da mãe do autor em um leito hospitalar. Os autores problematizam alguns pontos fundamentais na construção do romance: a prostituição da mãe do protagonista, os abusos sexuais sofridos na infância e as violações do corpo. Continuando na esteira da problematização do corpo na literatura latino-americana, no artigo “Corpo sem fim, escrita sem margem: a problematização da identidade feminina na narrativa de Silvina Ocampo”, Rafael Eisinger Guimarães propõe-se a demonstrar como a escrita de Silvina Ocampo problematiza as ideias de corpo e identidade feminina construídas pelo imaginário androcêntrico, tomando como objeto os contos “Autobiografía de Irene”, publicado na obra homônima de 1948, e “El diario de Porfiria Bernal”, que integra a obra *Las invitadas*, de 1961. Para empreender tal análise, o autor articula a crítica literária feminista, discutindo tanto a esfera da representação quando o campo da autoria.

Já Fernanda Aparecida Ribeiro e Katia Rodrigues Mello Miranda, em “Eduarda Mansilla a través de la mirada de María Rosa Lojo en *Una mujer de fin de siglo* (1999)”, discutem como María Rosa Lojo constrói ficionalmente o retrato de Eduarda Mansilla, importante escritora argentina do século XIX. Hugo Hernan Ramirez Sierra e André Luis de Oliveira, em “O exercício da masculinidade e a performance da violência em *Crónica de una muerte anunciada*, de Gabriel García Márquez”, discutem

aspectos culturais e sociais da violência masculina através dos personagens de *Crónica de una muerte anunciada* (1982); para tanto, aprofundam-se na análise e na problematização da naturalização da violência masculina, especialmente no contexto colombiano, motivada por uma cultura de enaltecimento da virilidade.

Tales Santos Pereira e André Luis Mitidieri, em “Das cinzas à purpurina: bichas que cintilam em leitura e escrita biografemática”, propõem uma leitura homoerótica da narrativa jornalística de cunho biográfico *Manuel nunca dijo adiós*, de Tomás Eloy Martínez, e do roteiro cinematográfico *La tajada*, de Manuel Puig, a fim de flagrar vestígios e pormenores de identidades e subjetividades homoeroticamente inclinadas, de modo que os biografemas revelados, em cenas de flertes, paquerias, *flashes* da infância e memórias de grandes ícones constituem-se como um espaço de discussão das representações da dissidência sexual e da multiplicidade de modos de ler, ser, viver e interpretar o mundo. Já em “Sem corpo ou sem cabeça: o corpo de *La mujer desnuda*, de Armonía Somers”, Brenda Carlos de Andrade reflete sobre como a autora uruguaia constrói um descentramento do corpo feminino que, desviando da norma, toma sua liberdade em busca da realização de seus desejos. A análise dá-se na forma como a protagonista relaciona-se com esse caminho de autodescoberta, e como ela e seu corpo são percebidos pelos outros personagens. As interações geradas por um evento fantástico que reinscreve o corpo feminino a partir de uma trama aparentemente simples de encontros entre personagens permitem entrever práticas de violência e de desejos frustrados que figuram como parte da realidade cotidiana das mulheres.

Finalmente, na terceira seção, *Corpo, trauma e memória: outras artes, outras latitudes*, Camila Fonseca de Oliveira Calderano e Márcia Almeida, em seu artigo intitulado “Chico Buarque e a construção de gênero em canções forjadas na homoafetividade: da crítica feminista à teoria *queer*”, analisam duas canções do compositor Chico Buarque a partir da perspectiva de construção do gênero feminino. As canções em tela não apresentam a mulher através dos modelos convencionais, e percebem a multiplicidade das sexualidades humanas, questionando a naturalização das identidades heteronormativas. Além disso, em consonância com outras canções de Chico Buarque, representam uma crítica social à opressão e marginalização dos homossexuais. Em seguida, Andrio de Jesus Rosa dos Santos e Enéias Farias Tavares, em “*Let the flesh instruct the mind*: corpo,

desejo e sinestesia nas crônicas vampírescas de Anne Rice”, discutem questões aparentemente paradoxais como materialidade/espiritualidade, profano/sagrado e natural/sobrenatural. Entretanto, tais temas ganham destaque em enredos que *ou* orbitam discussões especulativas sobre a origem material do universo e suas possibilidades espirituais *ou* uma densa reflexão sobre os limites potenciais dos sentidos corpóreos, intensificados pela observação da natureza *ou* pela apreciação da arte. A partir das reflexões de Katherine Ramsland, Jennifer Smith e Terri R. Liberman, entre outros, os autores demonstram como, através dos dramas de seus monstros, Anne Rice indiretamente propõe uma intensificação das percepções corpóreas e sensitivas, não apenas no que concerne à percepção da natureza e da arte, como também ao próprio corpo e sua capacidade de perceber/vivenciar/recriar o entorno material. Encerrando o último bloco de artigos, Karen Greco Soares e Efigênio Pavei Carvalho, em “Poética feminista na arte contemporânea: uma análise de produções de mulheres artistas nos anos 60, 70, 80 e 90”, partem de conceitualizações de Aristóteles e Paul Valéry para analisar quatro artistas: Barbara Kruger, Judy Chicago, Betye Saar e Rosana Paulino. A proposta visa à compreensão dos eixos de intersecção da arte contemporânea feminista com as vivências das autoras e o contexto de suas épocas.

Finalizando esse volume, temos uma resenha do romance *Garotas mortas*, de Selva Almada, resenha essa assinada por Renata Farias de Felipe, professora da UFSM, e uma entrevista com Susana Bornéo Funck, professora aposentada da UFSC e uma das fundadoras do GT Mulher e Literatura da ANPOLL.

Anselmo Peres Alós (UFSM)

Wanderlan Alves (UEPB)

Divanize Carbonieri (UFMT)